

No mês de Novembro —

o novo ser era um monstro; aspergiram-se de perfume. Esse perfume penetrou-lhes o corpo, transformou-se em mais um peixe, irmão de Suso; quebrou um espelho mas apressou-se a juntar-lhe os bocados para repousar em toda a sua imagem. Falava consigo mesmo no compacto ambiente de claridade de que não podia prever as consequências. Tomás Müntzer não esquecera que fora decapitado, lembrava-se do que lhe acontecera nas muitas paredes do quarto. Por isso oscilava com a cabeça e a sua sombra imensa alcançava o tecto, para lá das janelas concebidas em ogiva. Assobiava como um adolescente; viu então entrar Ana de Peñalosa e pegou-lhe na cauda do vestido.

Durante instantes passearam à volta do quarto para celebrar o momento em que se encontravam. Ana de Peñalosa trazia na mão um livro, espécie de livro com magia. Fez um espesso agasalho com as suas páginas. Na última embrulhou a cabeça de Müntzer e beijava-lhe constantemente a ferida do pescoço que dizia:

— Diz a São João da Cruz como são pacíficos os cortinados desta sala, sempre na penumbra e duplamente outonal porque aqui me encontro e me preparo para uma fala inextinguível, mas próxima do fim que prevejo nas caras das pessoas que me visitam. Batem à porta e não sabem se devem entrar, não vá o sorti-

légio modificar-lhes a direcção dos passos na hora do regresso. Cai um som eterno, eterna bruma, mas, ao mesmo tempo, fresco e prematuro. Malebranche, o Método e a Teoria da Visão de Deus é o nome do livro que tenho sobre a mesa, mas é o nome que devia ser dado a uma pedra.

Isto pertence-nos e desaparece connosco sem que ninguém tenha medo ou se julgue culpado. Falar eternamente é a minha vocação.

Diz ainda a São João da Cruz, e não esqueças Nietzsche, que o porco esteve sempre debaixo da mesa. Entrou sorrateiramente fascinado por nós que comíamos (e não dançávamos, lembraste?) na hora exacta do nosso festim. Sentíamos que havíamos saído rapidamente de um lugar e que uma espécie de sonolência invadia o nosso encontro. Maya, a cadela perdida por andar sempre à nossa procura, veio brincar com conchas no meio da sala e fugiu a grande distância de nós quando nós partimos.

Escrevo na plena posse das minhas faculdades de leitura.

Na hora em que redijo o meu testamento convido São João da Cruz e Frederico Nietzsche a, por uns tempos, abandonarem a tua casa e o rio.

Na nova vida que vou viver, que gostaria de viver  
convosco  
em espaços livres  
e cavalos sempre móveis,  
pensei tornar-me caçador e guerreiro.

Hoje é o dia 10 de Novembro. Peço-te que escolhas os meus objectos mais amados para enterraes no teu jardim.

Uma vez em campa estabelecidos, terão o seu lugar permanente de estadia. E muito tempo há-de correr por mais breve que seja.

Antes de prosseguir, digo-te que, cega, não poderias escrever. A escrita nasce ao baixares os olhos para o papel, escrito ou em branco; no momento em que o coro recomeça e as vozes adqui-

rem amplitude, sobe pela mão que mantinhas sobre os lábios o movimento coercitivo das palavras pronunciadas por mim, Müntzer.

— Quando a noite já vai adiantada em termos de desejo e me esqueço de todos os recados de que me fazes a mensageira, não me lembro também de que o dia de amanhã há-de levantar-se; não compreendo por que temos de caminhar para a necessidade da tua morte: é o tempo que passa com a tua decapitação no fim.

Nos finais do mês de Novembro —

Por aquelas noites, não era clara a decisão que deveria tomar. Sentia-se, sem sombra de dúvida, atraída pelo regresso; mas aquele lugar desconhecido começara, ajudado por Müntzer, a transformar-se de tal modo em côncavo e profundo que parecia não poder abandoná-lo.

Principiara, naquela grande sala quieta, a contar o texto. Ana de Peñalosa pressentia a presença de João, embora não o visse. Perfumou as mãos antes de escrever, sentada no chão ao lado da vela acesa e de Tomás Müntzer que eternamente se decapitando. Apesar de ser depositária de uma mensagem, interrogava-se se deveria partir ou se poderia, mais algum tempo ainda, encontrar um mensageiro.

No último dia de Novembro —

ainda dormia; mas acordar não fazia parte do sonho: estava à entrada da casa, no primeiro dia em que viera habitá-la; lembrava-se do andar superior, do demorado corredor na penumbra para onde davam os quartos de seus amantes fazia parte da mensagem que, durante um ano, João da Cruz,

Nietzsche, o próprio Müntzer e o desconhecido Eckhart viriam viver com ela, naquela casa;  
havia sido confirmada a presença de Pégaso, do peixe Suso, do urso e até do porco, em lugares privilegiados, aberta a porta sobre o jardim que era sereno,  
e imenso de pedras calcetadas;  
o rio, exilado, viria habitar com eles,  
seguiria o seu curso para além do muro,  
e só às tardes poderia ver-se,  
embora o ruído do marulhar da água e da escrita impregnasse todas as portas e fizesse ceder as janelas fechadas nos seus sedimentados segredos.

Mas o medo de tantas silhuetas amadas fazia a mesma pergunta:

se acordar não fazia parte do sonho,  
é preciso que eu acorde.

O pesadelo continuava eternamente, persistia a penumbra demorada sobre o rio, compelido a aparecer àquela hora. Toda uma massa móvel, rede ou renda — camponeses, senhores e príncipes da Igreja — se tinha dividido na planície, no lugar da batalha e da nascente.

Só o peixe Suso, entre outros peixes,  
estaria dito que devia descer até à casa sobrevoando o interior da água. Ajoelhada, Ana de Peñalosa conseguira detê-lo, apontara-lhe o volume liquefeito da casa, e o sítio restrito do aquário. Suso falara-lhe às mãos e dissera-lhe: «Eu conheci Jonas».

Entronizadas no aquário, a água e as barbatanas deviam libertar a casa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da Virgem Maria e de todos os Anjos.

Acordar não fazia parte do sonho.

Ana de Peñalosa penetrou a entrada, por cada folha de plantas odoríferas queimada, outras deitadas no incensório perfumavam com o seu fumo. O pesadelo provinha de não saber se seria aquela a casa exacta e se João da Cruz, Nietzsche, o próprio Müntzer,

o desconhecido Eckhart  
desejariam ter a mesma última vontade.

Nos princípios do mês de Dezembro —

a casa surgira subitamente, a dois passos do rio. Casa de não-ver, evocada pelo sussurro da escrita que era uma saudação. Fechando os olhos imaginou-se cega para escutar melhor o andar dos que haviam de vir. Quando os abriu reparou que, espalhados na terra há muito nascida, Müntzer, João da Cruz, a luz e os animais que atrás de si haviam trazido, esperavam que ela os convidasse a entrar; mas a casa apenas existia invisível, Ana de Peñalosa sobressaltou-se e pediu aos livros silenciosos e às plantas que os guiassem. Persistia a imobilidade e a aparência do nada. O animal que revestira a forma de um cavalo correu para o interior do espaço demarcado, e deitou-se; ouvia-se o ruído da multidão que despertara à procura de Müntzer, estava escrito  
que a casa sonhada não podia servir de abrigo,  
nem de cama,  
nem de mesa,  
mas de lugar de batalha.

Müntzer apalpou a cabeça ainda sobre os ombros e dirigiu-se para o relinchar do cavalo; a casa teceu-se de pedras, as janelas surgiram incrustadas nas paredes, a porta abriu-se para a passagem dos que haviam ousado chegar ao jardim.

Ao sentar-se na sala da entrada, em frente do peixe Suso que nadava no aquário, João da Cruz caiu para dentro de si mesmo e perguntou: «Onde vou?».

O rio passava por debaixo da casa, ouvia-se um ondular constante. Pousaram as fronteiras sobre os joelhos, e as fontes corriam num fluir repentino, tantos pensamentos ocorriam a Ana de Peñalosa, e tão acerbamente, que ela acreditou que ou o momen-